



PANORAMAS DO DEBATE ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO

PANORAMAS DEL DEBATE ENTRE PSICOANÁLISIS Y RELIGIÓN

PANORAMAS OF THE DEBATE BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND RELIGION

Fabiano Veliqu¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo traçar um panorama acerca do debate entre Psicanálise e Religião. É bastante sabido e comentado como que a crítica freudiana da religião tem como pano de fundo as noções familiares em torno da relação para com pai. No entanto, o debate entre Psicanálise e Religião não se encerram por aí, pelo contrário, nesse momento eles apenas se iniciam.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Religião; Diálogo.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo esbozar un panorama del debate entre Psicoanálisis y Religión. Es bien conocido y comentado cómo la crítica freudiana a la religión tiene como trasfondo las nociones familiares en torno a la relación con el padre. Sin embargo, el debate entre Psicoanálisis y Religión no termina ahí, al contrario, en este momento apenas comienzan.

PALABRAS CLAVE: Psicoanálisis; Religión; Diálogo.

ABSTRACT: This article aims to outline an overview of the debate between Psychoanalysis and Religion. It is well known and commented on how the Freudian critique of religion has as its background the family notions around the relationship with the father. However, the debate between Psychoanalysis and Religion does not end there, on the contrary, at this moment they only begin.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Religion; Dialogue.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo traçar uma espécie de panorama sobre o diálogo entre Psicanálise e religião, pois somos capazes de perceber facilmente como a Psicanálise e a Religião dialogaram a partir da obra de Freud e de alguns de seus críticos. Se, no início do movimento psicanalítico, a Religião é vista como algo a ser deixado de lado, à medida que o tempo vai passando vão surgindo novas abordagens das questões religiosas a partir da Psicanálise.

Morano nos diz de três fases da interpretação psicanalítica da Religião, sendo que a primeira consiste nas obras de Freud e em seu círculo próximo. Nesta fase, o que se verifica é basicamente uma predominância da visão freudiana de que a religião estaria diretamente ligada às questões familiares, principalmente no problema da relação Filho-Pai. Deus nada mais seria que o pai projetado. Essa perspectiva é defendida por Freud em seus textos sobre a religião.

¹ veliqs@gmail.com

Não abordaremos essa visão freudiana sobre a religião aqui, mas remetemos os leitores a outros trabalhos nosso sobre a temática.²

2 A SEGUNDA FASE DO DEBATE ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO

A segunda geração, segundo ele, não teria se distanciado tanto dos ensinamentos de Freud. A maior parte dessa segunda geração de psicanalistas era judia, e nenhum deles era religioso. Dessa segunda fase, os personagens de Ernst Jones e Theodor Reik se destacam, pois ambos procuram investigar a questão religiosa a partir da Psicanálise.

Segundo Morano, “a obra de E. Jones se desenvolveu em três direções fundamentais, que seriam: o estudo do símbolo religioso, o papel histórico da igreja católica e a psicologia do cristianismo.” (MORANO, 2008, p. 194). E Jones deu também importância grande ao tema do feminino na experiência religiosa (tema que foi escandalosamente negligenciado por Freud em sua análise da Religião), tentando mostrar o importante papel que o feminino desempenhou no início do cristianismo, bem como ressaltando as representações de Maria e a dimensão materna da religiosidade.

Theodor Reik, que era conhecido nos meios psicanalíticos como simili-Freud³, dedicou especial atenção aos rituais religiosos, enfocando bastante os rituais do judaísmo, Religião a que ele próprio pertencia. Sua posição em relação à Religião foi similar à de Freud.

Segundo Morano, nessa primeira fase, apenas Oskar Pfister⁴ e Binswagner, na Europa, e J. Putnam, nos Estados Unidos, expressavam uma posição distinta de Freud sobre a Religião. Segundo aponta Morano,

Nesta primeira etapa das relações entre Psicanálise e Religião, nos movemos essencialmente entre o reducionismo e o concordismo. Uma confrontação e um diálogo autênticos não foram possíveis nessa primeira fase. (MORANO, 2008, p. 197).

² Cf. Veliq, F., & Silveira, L. L. H. (2021). A teoria freudiana sobre a religião: um panorama introdutório. *Synesis* (ISSN 1984-6754), 13(1), 40–61. Recuperado de <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2046>. e Veliq, F. (2016). Religião e projeção em Freud. Elementos para o debate entre psicanálise e religião. *Synesis* (ISSN 1984-6754), 8(2), 49–65. Recuperado de <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1131>.

³ Segundo Morano (2008, p. 170), tal nome era atribuído a ele pelo fato de vestir-se como Freud, aparar a barba como Freud e fumar a mesma marca de charuto que Freud.

⁴ Sobre a crítica de Pfister à concepção religiosa de Freud remetemos o leitor ao nosso texto Veliq, F.. (2018). Oskar Pfister e a crítica à concepção freudiana de religião. *Fractal: Revista De Psicologia*, 30(2), 161–165. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5503>

A segunda geração de analistas já não se mostra mais tão categórica em relação à Religião. Nessa segunda fase, a figura de Erich Fromm se destaca. Suas obras inicialmente se assemelham às análises de Freud sobre a Religião, mas posteriormente suas ideias vão evoluindo até culminar na célebre distinção proposta por ele entre a Religião autoritária e a Religião humanista. Segundo Fromm, “a grande questão não é a presença ou a ausência de Religião, mas sim a espécie de Religião; é saber se a Religião escolhida concorre realmente para o desenvolvimento das potencialidades humanas ou, ao contrário, para a sua paralisação” (FROMM, 1966, p. 35).

Nessa diferenciação entre Religião autoritária e Religião humanista, Fromm tenta mostrar que as necessidades religiosas são conaturais e benéficas, desde que se evitem as armadilhas da Religião autoritária. Na Religião autoritária, tudo é concebido como uma submissão a um poder para além do homem que exige obediência e adoração. Dessa forma o sujeito se aliena e é tomado por um sentimento de impotência. Pode-se notar que tal caracterização de Fromm da Religião autoritária é basicamente a caracterização proposta por Feuerbach em *A essência do cristianismo*⁵.

Segundo Fromm,

O elemento essencial na Religião autoritária e nas experiências de tal natureza é a submissão a um poder transcendental. A virtude principal, nesse tipo de Religião, é a obediência, e o pecado principal a desobediência. Enquanto postula a divindade como onipotente, onisciente, concebe o homem como insignificante e fraco. (FROMM, 1966, p. 46).

Na Religião humanista, o conceito de Deus não é mais vinculado a essa fonte de autoridade repressiva, mas mantém-se integrado à imagem do homem verdadeiro e ao processo de libertação. A partir da Psicanálise, aliado a ideias marxistas, Fromm propõe uma religiosidade na qual a pessoa se torna o centro, e a humanidade, sua finalidade última. Na Religião humanista, o conteúdo essencial da ideia de Deus seria a negação dos ídolos, assim como a libertação dos laços incestuosos com a família, com o povo e a terra.

Segundo Fromm,

A Religião humanista, ao contrário, está centralizada pela ideia do homem e das suas potencialidades. O homem deve desenvolver a força da sua razão, para que possa entender a si próprio, as suas relações com os seus semelhantes e o lugar que ocupa no universo. Ele deve reconhecer a verdade, tanto no que se refere às suas limitações,

⁵Cf. FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo* (2002). Nesta obra, Feuerbach defende sua principal tese de que a Teologia pode ser reduzida à antropologia. Tudo o que o homem vislumbra em Deus não passaria de sua própria razão projetada para além dele. Os atributos divinos não passariam de atributos da própria razão humana.

como às suas potencialidades. Cabe-lhe desenvolver a sua capacidade afetiva, não apenas em relação ao próximo, como a si mesmo, e experimentar solidariedade por todas as coisas vivas. [...] A experiência religiosa, nessa espécie de Religião, é a experiência de união com o universo, como o homem o concebe e sente. O objetivo humano consiste em atingir a máxima força e não a máxima fraqueza; a virtude é a realização pessoal, e não a passividade da obediência. A fé, na Religião humanista, alicerça-se na certeza da convicção obtida através das experiências intelectuais e emocionais, ao passo que na Religião autoritária o homem aceita as proposições porque acredita em quem as formulou. Na Religião autoritária, o humor predominante é de tristeza e culpa; na Religião humanista o tom emocional prevalente é de alegria. Dentro do esquema da Religião humanista, Deus aparece como símbolo dos próprios poderes humanos, do que o homem procura realizar na vida, e não como símbolo de força e dominação, escravizando o homem pelo seu poder. (FROMM, 1966, p. 47-48).

Percebe-se que a visão da Religião humanista de Fromm promove uma dissolução da Teologia, uma vez que a imagem de Deus acaba se associando à imagem do homem que se liberta a si mesmo. O problema da Religião acaba se transformando em um problema ético na proposta de Fromm, ao retirar da Religião o seu caráter transcendente. Dessa forma se torna bastante fácil associar os postulados freudianos com os da Religião, mostrando até que Freud seria um defensor da Religião. Uma espécie de concordismo se torna latente, tentando fazer o diálogo entre Psicanálise e Religião coincidirem sob um fundo ético comum. É de se questionar se tal concordismo realmente faz jus às diferenças entre as duas posições.

3 A TERCEIRA FASE DO DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO

A terceira fase do diálogo entre Psicanálise e Religião é apontada por Morano como tendo início na França, com as figuras de René Laforgue, Marise Choisy, Louis Beirnaert, Françoise Dolto, e espalhada pela Europa com vários outros autores a partir dos anos 40 do século passado. Dentro dessa chamada terceira fase, o nome de Lacan surge como uma grande referência tanto para a Psicanálise, quanto para o debate em relação à Religião.

Com Lacan, a Psicanálise, que caminhava um pouco desacreditada, principalmente na França, sofreu uma grande transformação e passou a novamente fazer parte do círculo de debate das elites europeias. A proposta de um “retorno a Freud” de Lacan deu um novo ânimo à Psicanálise e trouxe várias questões para o debate dessa disciplina com as outras áreas das ciências humanas. Como afirma Roudinesco, “Jacques Lacan procurou introduzir a peste, a subversão e a desordem no âmago de um freudismo moderado do qual era contemporâneo.” (ROUDINESCO, 2008, p.11).

Essa relação entre Lacan e o freudismo de sua época, apontada por Roudinesco, é por demais extensa para ser tratada por nós neste trabalho. Apenas essa relação daria uma nova

tese, tanto por sua extensão histórica (cerca de 30 anos, do início dos anos 40 até os anos 70 do século passado) quanto por sua variedade de temas debatidos. Como o objetivo desta seção é tratar de um panorama do debate entre Psicanálise e Religião, optamos por nos ater ao livro de Lacan em que ele trata dessa questão de forma mais clara e sucinta, *O triunfo da Religião*. Nele Lacan apresenta de forma mais enxuta a sua ideia da relação entre Psicanálise e Religião.

Sua tese nesse livro é bem simples e pode ser resumida pelo próprio Lacan em apenas uma frase: “Se a Religião triunfar, é que a Psicanálise terá fracassado.” (LACAN, 1975/2005, p. 64). Para ele, a Religião é expert em trazer um sentido à existência, ou “um sentido a qualquer coisa” (LACAN, 1975/2005, p. 65) na qual não há nenhum sentido. Isso seria sempre mais confortante para o homem, pois possibilitaria uma suposta compreensão do real, uma possível solução para a sua angústia, fato que para a Psicanálise é impossível, pois o real está sempre incompreendido pela linguagem. A Psicanálise, para Lacan, trabalha exatamente a partir da existência desse vazio que é estrutural ao sujeito e que é provocado pela linguagem. Não há nada que seria capaz de tampar o buraco da falta que faz o sujeito entrar no mundo da cultura. Se a Religião verdadeira, que, no caso de Lacan, é a Religião romana, visa ser essa garantidora de um sentido último, capaz de tampar a falta do sujeito, ela está em uma direção oposta à da Psicanálise, de forma que, se a Religião triunfar, a Psicanálise terá fracassado.

Lacan afirma que a humanidade provavelmente preferiria optar pelo sentido proposto pela Religião em vez de encarar a ausência dele proposta pela Psicanálise. Dessa forma podemos entender em que medida, para Lacan, a Religião triunfaria no final. Segundo Lacan,

O analista permanece aí. Está aí como um sintoma. Só pode durar a título de sintoma. Mas você verá que a humanidade será curada da Psicanálise. Por força de mergulhá-lo no sentido, no sentido religioso naturalmente, acabarão recalando esse sintoma. (LACAN, 1975/2005, p. 67).

A oferta de cura proposta pela Religião será bem mais assimilável para o homem do que a proposta psicanalítica, de forma que, para Lacan, não seria de todo estranho se, no final, a Psicanálise fosse recalcada. O que é interessante notar é que a fala de Lacan é extremamente irônica nesse sentido, pois sabemos que o que é recalcado sempre retorna de alguma forma para a vida do sujeito, de forma que a Psicanálise não terá seu fim com o avanço da Religião, mas pode retornar de alguma forma mesmo com o suposto triunfo da Religião.

Tal triunfo da Religião de forma alguma anula o poder da Psicanálise, afinal a saída psicanalítica pode ser a de criar um sentido que tem como pressuposto o impossível do real, e não um sentido último como o proposto pela Religião romana; um sentido meramente provisório, mas que oriente o sujeito na sua relação com o mundo e com sua falta. O triunfo da

Religião não decreta o fim da Psicanálise, mas a coloca novamente como uma possibilidade para o sujeito, que talvez vê esse sentido proposto pela Religião como algo alheio a si mesmo.

Uma outra crítica feita à concepção freudiana de Religião que ressaltamos é a realizada pelo teólogo brasileiro Rubem Alves, que, muito na esteira de Pfister, também propõe a Religião como uma forma de mudança social que tem na realidade o seu ancoramento.

Para Alves, a crítica freudiana da Religião, colocando-a como ilusão humana, a qual deverá ser superada com o advento do homem científico, também é vista como incorreta. Isso porque, ao definir o homem como ser simbólico, como ser de desejo, como ser de amor, percebe-se que a Religião deve desempenhar não uma função alienadora, mas uma função transformadora. Para Alves, a Religião não pode ser encarada como mera patologia, como queria Freud. Isso se dá pelo fato de que, para o pensador mineiro, a análise de Freud incorre naquilo que ele denomina uma “curiosa contradição”. A descoberta freudiana de que o homem não age racionalmente, mas motivado por desejos inconscientes, deveria levar Freud a uma elaboração positiva do inconsciente. Ao invés disso, Freud conclui que o inconsciente deve ser reprimido. Segundo afirma Alves,

Aquele que percebeu a ingenuidade do Iluminismo usa os próprios ideais racionalistas do Iluminismo para combater aquela dimensão de profundidade do homem que havia descoberto. [...] Por detrás da técnica psicanalítica, aparentemente tão preocupada com a libertação existencial do homem, encontramos uma filosofia terapêutica que se caracteriza pelo seu radical anti-humanismo (ALVES, 2006, p. 87).

Alves discorda da análise freudiana da imaginação como “algo que deu errado” e que levou a mente a não se submeter ao princípio da realidade. Para Alves, a imaginação possui um caráter primordial na construção de uma nova sociedade. A imaginação constitui a chave para que o princípio de prazer possa, enfim, realizar-se no mundo. Para Alves, ao optar pelo princípio de realidade, como recomenda Freud, o homem perde sua capacidade crítica. Como afirma Alves, “ser ajustado, numa ordem que é uma institucionalização da insanidade, não é ser insano? E inversamente, para ser são, numa ordem efêmera, não será necessário assumir a insanidade?” (ALVES, 2006, p. 87).

Nesse sentido, Alves contraria a posição de Freud em relação à Religião. Esta não é uma “neurose coletiva”, mas sim uma forma de criticar a ordem social vigente, tendo em vista que o homem visa fazer do mundo um lugar que possa ser amado por ele.

A Religião falará sim do desejo, e como o que move o ser humano é o seu desejo, ela deverá impelir esse ser de forma que ele seja capaz de transformar a sociedade em que vive. A Religião se constitui como uma ferramenta importante para a vida do homem. Ela falará da

esperança que esse homem tem de que toda a realidade seja sempre extensão do seu próprio corpo.

4 CONCLUSÃO

A partir desse levantamento breve sobre a relação entre Psicanálise e Religião, podemos ter uma noção do quão extenso é o diálogo entre as duas disciplinas. Da superação da Religião proposta por Freud passando pelo concordismo acentuado entre Psicanálise e Religião das posições de Fromm e Pfister, até a postura do conflito proposta por Lacan, percebemos que os diálogos entre Psicanálise e Religião são recorrentes por toda a história da Psicanálise. Tais diálogos profícuos trazem até hoje elementos para pensar a relação entre Psicanálise e Religião, e este diálogo com certeza se mostra interminável.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. (2006) O suspiro dos oprimidos. 6 ed. São Paulo: Paulus.
- Feuebarb, L. A essência do cristianismo. (2002) 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fromm, E. (1966) Psicanálise e Religião. Tradução e prefácio de Tracy Doyle. 3 ed. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda.
- Lacan, J. (2005) O triunfo da Religião precedido de Discurso aos católicos. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Campo Freudiano no Brasil. Série Paradoxos.
- Morano, C. D. (2008) Psicanálise e Religião: um diálogo interminável. Sigmund Freud e Oskar Pfister. Tradução de Eduardo Dias Gontijo. São Paulo: Loyola.
- Roudinesco, E. (2008) Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.
- Veliz, F., & Silveira, L. L. H. (2021). A TEORIA FREUDIANA SOBRE A RELIGIÃO: UM PANORAMA INTRODUTÓRIO. Synesis (ISSN 1984-6754), 13(1), 40–61. Recuperado de <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2046>
- Veliz, F. (2016). Religião e projeção em Freud. Elementos para o debate entre psicanálise e religião. Synesis (ISSN 1984-6754), 8(2), 49–65. Recuperado de <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1131>
- Veliz, F. (2018). Oskar Pfister e a crítica à concepção freudiana de religião. Fractal: Revista de Psicologia, 30(2), 161–165. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5503>